



1290001140



TCC/UNICAMP V719c

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**SILVIA FATIMA FONTOLAN VILHENA**

**GENAS DO COTIDIANO DE UMA BIBLIOTECA ESCOLAR: A PRÁTICA DA  
LEITURA EM UMA PRIMEIRA SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL**

2004 01823

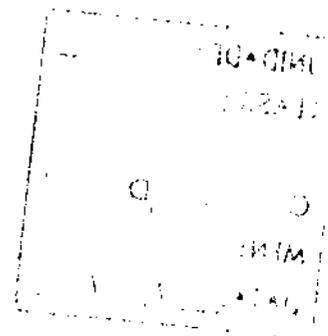
**CAMPINAS**

**2002**

**Silvia Fátima Fontolan Vilhena**

**Cenas do cotidiano de uma biblioteca escolar: A prática da leitura em uma primeira série do ensino fundamental**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como pré-requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia, na Faculdade de Educação da UNICAMP, sob orientação da Prof. Dra. Ana Lúcia Guedes Pinto.**



**Orientadora:**

**Prof. Dra. Ana Lúcia Guedes Pinto**

---

**Segunda Leitora:**

**Prof. Dra. Margareth Brandini Park**

---

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	
TCC - UNICAMP	
V. 719c	
V.....EX:	
TOMOS: 1140	
PROC.: 117/2004	
C.....D: X	
PREÇO: 11,00	
DATA: 27/01/04	
Nº CPD: Bib = 308309	

**Catlogação na Publicação elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

Vilhena, Sílvia Fátima Fontolan.  
V719c      Cenas do cotidiano de uma Biblioteca escolar : a pratica da leitura  
um 1º série do ensino fundamental / Sílvia Fátima Fontolan Vilhena. --  
Campinas, SP : [s.n.], 2002.

Orientador : Ana Lúcia Guedes-Pinto.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Leitura. 2. Bibliotecas. 3. Leitores. 4. Ensino de primeiro grau.  
I. Guedes-Pinto, Ana Lúcia. II. Universidade Estadual de Campinas.  
Faculdade de Educação. III. Título.

02-0117-BFE

## AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, pelo encorajamento na volta aos estudos e ao exemplo de dedicação e perseverança em tudo que se propõe a realizar,

Ao meu filho Thiago, por me ajudar sempre com boa vontade e brincadeiras na digitação e formatação deste trabalho,

À minha filha Laís, pelas leituras compartilhadas principalmente antes de dormir,

À professora Ana Lúcia, pela orientação e estímulo à este trabalho, como também por suas aulas durante a graduação,

À professora Margareth, pela disponibilidade em ler este trabalho, como também por suas sugestões,

Aos meus pais Alceu e Nilda, pelas oportunidades de leitura durante a infância e adolescência e pelos livros que guardo até hoje podendo compartilhá-los com meus filhos,

À minha sogra Maria José, pelo incentivo e companheirismo durante estes dezoito anos de convivência,

À Daiene, pela oportunidade de conviver com alguém tão sincera e autêntica em suas convicções,

À Alessandra, pela pessoa singular, original e bem humorada durante todos estes anos,

À Geisa, pelo exemplo de boa filha, amiga para todas as horas e ultimamente como professora dedicada,

As amigas Carla e Flávia, sempre dispostas a me ajudarem nos momentos de dúvidas durante os trabalhos da graduação,

A Turma de 98, por todos os momentos de conversas, estudos e divertimentos. por quais passamos nestes quatro anos de convivência.

Ao Colégio Progresso Campineiro e especialmente à Coordenadora Renata, à professora Shirley e seus alunos e à bibliotecária Cidinha, pelo ano de convivência e aprendizado.

## **SUMÁRIO**

**1- MINHA TRAJETÓRIA COMO LEITORA**

**2-REFERENCIAL TEÓRICO**

**3-METODOLOGIA**

**4-ANÁLISE**

**5-PALAVRAS FINAIS**

**ANEXOS**

**REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO**

## MINHA TRAJETÓRIA COMO LEITORA

Falar sobre leitura, refletir sobre leitura, escrever sobre a leitura... Desde que tive que me definir sobre qual seria o tema em que desenvolveria meu TCC, não tinha dúvidas de que seria sobre a prática da leitura. Isto porque minha constituição como leitora foi marcante durante o período da infância e adolescência.

Desde pequena sempre me lembro de meus pais em seus momentos de entretenimento em casa com um livro em suas mãos. Fosse um livro para distração ou um livro sobre as disciplinas que lecionavam: meu pai é professor de história e minha mãe é professora de educação artística(ambos aposentados atualmente). Quando fiz 4 anos e, após muita insistência de minha parte, meus pais concordaram em me colocar em uma escola maternal. O nome da escolinha era Sítio do Pica – Pau Amarelo e foi ali onde ouvi uma historia ser contada por minha professora de uma tal maneira que fez diferença para o resto de minha vida. Esta "tia," era assim que a chamávamos, contava as histórias através de dramatizações, de entonações das vozes dos personagens de uma maneira que eu me sentia uma co- participante da história. Anos mais tarde, quando contei uma história em uma terceira série durante o estágio supervisionado do curso de Pedagogia lembrei-me destes momentos da minha infância e procurei passar para meus pequenos ouvintes um pouco da minhas emoções e experiências desta época. Acho que consegui, pois sempre que me encontravam na escola eles vinham me pedir para contar novas histórias.

Algumas leituras foram marcantes durante o ensino fundamental como por exemplo: *O caso da borboleta Atíria*, *O Menino do Dedo Verde* e principalmente as obras de Monteiro Lobato. Nesta época minha mãe começou uma fase de colecionar fascículos de livros e assim acabou comprando uma enciclopédia que continha experiências de ciências, histórias de contos de fadas, jogos de adivinhações e poesias. Durante muito tempo estas leituras fizeram parte de meu dia-a-dia e mais tarde foram relidas e pude apreender novas informações. Sempre fui uma leitora voraz, lendo tudo que me caía nas mãos, mas muitas vezes esquecia o que havia lido e foi através dessas minhas releituras que pude descobrir novos olhares sobre o que já havia lido.

A enciclopédia "Conhecer" foi a minha portadora de conhecimento onde busquei as informações para os meus trabalhos escolares.

Tive uma sensação maravilhosa quando minha mãe mandou encadernar os fascículos dessa enciclopédia. Aquela capa dura azul escuro com os nomes dos volumes em dourado formaram uma imagem concreta de condensação de conhecimento indescritíveis. Estes livros me lembraram fotos e filmes de livros antigos e raros, de bibliotecas maravilhosas. Sempre sonhei com uma biblioteca onde as prateleiras ocupassem uma parede inteira, do chão até o teto, com livros de todos os tipos e tamanhos.

Quando era adolescente, meus pais ficaram sócios do Círculo do Livro, época em que eu morava em uma cidade bem pequena, onde a única livraria possuía poucas novidades. Por essa razão, fazer parte do Círculo do Livro foi a concretização de um sonho. Através de seu catálogo passei a conhecer a grande variedade de literatura, gerando grande disputa entre mim e minha mãe nas escolhas dos títulos a serem selecionados. Líamos de tudo um pouco, desde "best sellers" até livros de culinária e manuais de artesanato, sem esquecer dos livros de contos de fada e também de lendas e mitos. Neste período li toda a coleção de mistério da Agatha Christie e quase todos os livros de Jorge Amado.

Nesta mesma época de minha adolescência, passei praticamente todas as minhas férias escolares na fazenda da irmã da minha mãe e, quando estava

chovendo passava a maior parte do tempo lendo em sua biblioteca. Seus livros eram de literatura nacional e internacional e foi onde pela primeira vez li peças de teatro ( *Romeu e Julieta* , *Sonhos de uma Noite de Verão* ), livros de filosofia e o que para mim era o máximo em literatura, a Enciclopédia Barsa.

Ao recordar minhas leituras não posso esquecer de minha avó paterna sempre com sua Bíblia na mão rezando e tentando chamar a atenção de seus netos para a mesma. Porém, só conseguia que prestássemos atenção quando contava – nos histórias, principalmente a de uma menina que era enterrada viva pela madrasta embaixo de uma figueira e depois conseguia ser salva pelo seu pai. Por muito tempo pedi para minha avó contar esta história. Eu sentia um medo muito grande, mas que era recompensado com a ressurreição da menina.

Estudei piano durante onze anos, mas um dos momentos mais marcantes destas memórias foi quando, em certo dia, eu estava tocando uma música chamada "25 anos" e meu avô paterno chegou e começou a cantar me acompanhando ao piano e tentando seguir as notas. Foi uma surpresa para mim o meu avô, que eu nunca havia visto com um livro na mão, e jamais o relacionara com leitura, tentando ler as notas musicais e me acompanhar cantando muito animado. Esse momento de identificação que senti foi comparável somente quando meus filhos começaram a ler. Estas lembranças me emocionam!

Depois que me casei, meu universo de leitura ampliou-se em mais dois caminhos. O primeiro foi o contato com os livros de faculdade de meu marido que estava cursando o primeiro ano de medicina e muitas vezes eu estudava junto com ele. E depois os livros sobre gravidez, bebês e desenvolvimento infantil. Durante a minha primeira gestação eu me sentia muito despreparada, com poucas informações sobre a gravidez, o parto e foi através de leituras específicas que pude sentir-me segura e amparada, não apenas durante a gravidez, mas principalmente no crescimento de meus filhos. Saber que todas aquelas acontecimentos eram situações normais no desenvolvimento infantil permitira-me desfrutar momentos de segurança frente a muitas adversidades. O conforto proporcionado por tais leituras mostrou-me um porto seguro.

Relembrar o compartilhar da leitura de livros infantis com meus filhos foi a constatação de que meu caminho no futuro seria relacionado com livros. Nestes momentos de leitura compartilhada, fragmentos de minha infância me remetiam aos encantos passados durante as mesmas leituras que vivi com minha família. Antes de prestar o vestibular para o curso de Pedagogia fiz três meses de cursinho. O que ficou evidente nesta época foram as diferentes maneiras de encarar a leitura dos livros de literatura que seriam cobrados na prova. Passei por momentos pelos quais, por mais que quisesse ler apenas por prazer, isto era impossível devido às minhas próprias cobranças frente ao vestibular. A obrigatoriedade acabou por coibir momentos que poderiam ser de prazer, magia, identificação e aprendizagem.

Durante o curso de Pedagogia pude compreender que meu universo cultural poderia ser ampliado mas que isto dependeria principalmente de meu esforço como aluna. Muitos livros, leituras e autores seriam apresentados, mas a apropriação efetiva deste conhecimento se consolidaria no decorrer do curso. Recordo com saudades momentos em sala durante os quais as discussões sobre as leituras poderiam ter sido melhor exploradas e debatidas, enquanto eu ficava com medo de expor minhas dificuldades. Calei-me, perdendo a oportunidade de descobrir novos caminhos que poderiam frutificar em boas reflexões para todos.

A escolha do tema de meu trabalho se justifica na medida em que a relação com a leitura foi importante em minha vida. No decorrer do curso de Pedagogia aprendi que deveria buscar um trabalho que fosse relevante para a minha formação de futura professora. Algo que fizesse diferença e que fosse não apenas um momento de aprendizagem para mim, mas também para quem dele participasse.

Escolhi então acompanhar uma sala de aula de primeira série do ensino fundamental em seus momentos de leitura em classe e no espaço da biblioteca em que pude vivenciar momentos diversos da prática de leitura.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Falar nos dias de hoje da importância da prática da leitura na vida das pessoas é algo redundante. Seja por que já assistimos a inúmeras campanhas públicas a favor da “disseminação” da prática da leitura, seja por que a escola sempre a valorizou e procurou instituí-la através de diversas formas, seja por que atualmente assistimos a congressos especializados sobre este tema. Enfim, abordar este assunto significa assumir a entrada em um campo onde proliferam discussões, debates, polêmicas e enfrentamentos distintos. Por essa razão, este trabalho procura trazer uma pequena contribuição no que se refere à prática da leitura vivenciada no ambiente escolar.

Há muito tempo os livros são mediadores do conhecimento entre as gerações. Através dos registros que possibilitam ao homem conhecer o passado e compreender seu presente, os livros ocupam um papel fundamental na vida em geral.

A leitura de livros, artigos e textos que discutem as consequências da ação do leitor, nos conta que cada pessoa leitora é produtora de sentidos próprios. Os diferentes textos que constituem a história de vida de cada um formam uma leitura única e singular dentro da trajetória de cada sujeito leitor.

As leituras constituem uma prática social que envolvem um constante movimento marcado pelas suas definições de público, interlocutor do texto, leitor ou protagonista desta história.

Durante o período que frequentei a escola, pude perceber nas rodas de leitura e também nas leituras feitas na biblioteca que as significações obtidas através das diversas leituras são muitas vezes reelaboradas, reinventadas e ressignificadas pelas crianças conforme suas identificações com o texto e as histórias nele contidas.

Na relação leitor-livro-leitura é importante considerarmos o manuseio do livro, o contato físico, a exploração do objeto. Ou seja, a concretude e a materialidade propiciadas pelo objeto através do seu folhear, da observação das figuras, letras, "layout", da capa do papel, da tipografia e do texto propriamente dito constituem elementos que definem os contornos de cada ato de ler. As estratégias de leitura utilizadas nas atividades em aula conduzem as crianças a uma escrita na qual os textos são sua unidade. Vemos uma produção textual rica e extensa.<sup>1</sup>

Para SANDRONI & MACHADO, (1987) : *"O objeto livro observado, manuseado, lido, consultado, pesquisado vai contribuir como fator fundamental para o gosto da leitura."* E também para o gosto da escrita.

Considero relevante definir então como estou concebendo a prática da leitura. Compreendo a leitura como um processo ativo e criativo que adquire significações a partir do entendimento singular do indivíduo, de sua bagagem cultural e história de vida, não me restringindo especificamente ao processo de decodificação e identificação das letras e dos grafemas inscritos no texto.

Dessa forma, os diversos sentidos da leitura podem ser amplos e diversos, pois o leitor através de suas apropriações, de sua trajetória de vida, pode imprimir novas significações ao que lê. Fazendo assim, com que novas interpretações se proliferem.

---

<sup>1</sup> Alguns exemplos destes textos se encontram no anexo deste trabalho. Vale ressaltar que os mesmos foram escritos no primeiro semestre de 2001.

Apesar dessa multiplicidade de sentidos que cada leitura pode produzir, não podemos desconsiderar que as formas e os modos de ler, os gestos que acompanham cada leitor, são comportamentos herdados ao longo do tempo. E nesse contexto a escola exerce um papel relevante na difusão e ensino da leitura. *HEBRARD (1996)* traz mais elementos para esta questão:

*"Para a sociologia das práticas culturais, a leitura é uma arte de fazer que se herda mais do que se aprende. E, por essa razão, ela tem mais freqüentemente valor de sintoma de enraizamento nos grupos sociais que praticam as formas dominantes da cultura do que valor de instrumento da mobilidade cultural em direção a esses mesmos grupos. Colocando o acento sobre o ler mais que sobre o livro, sobre a recepção mais do que sobre a posse, os pesquisadores demonstraram amplamente que, na escola, não é a leitura que se adquire, mas são maneiras de ler que aí se revelam. (p37)*

As crianças, a partir de suas leituras estabelecem entre si uma relação de intertextualidade, ou seja, elas dialogam com os textos retomando palavras, sentenças, idéias, ora confirmando-as, ora criticando-as. Isto acontece muitas vezes, através da recuperação do texto lido, seja nas rodas de conversa, seja nas práticas de produção de texto.

Além disso, a prática da leitura, pela sua característica de propiciar que cada sujeito leitor construa inter-textos, pode possibilitar a relação entre o mundo oral e o mundo escrito. A leitura, por ser uma prática cultural e conter em si gestos e saberes próprios, pode proporcionar para as crianças aprendizes na escola uma ligação entre a oralidade e a escrita.

*PARK (1999)* em seu livro sobre os sujeitos leitores de almanaques de farmácia e suas práticas de leitura nos traz diversas contribuições sobre essa questão da passagem do oral para o escrito:

*“Síntese entre culturas e influências diferentes, talvez o que melhor defina o almanaque seja a passagem da vida ordenada ainda na oralidade e a sua recuperação e reprodução na escrita. Objeto de leitura de aprendizes-leitores transpõe os elementos do mundo oral no mundo escrito. (p.50)”*

Na escola, durante as rodas de leitura<sup>2</sup> acontecem muitas trocas de informação entre as crianças. Este momento se reflete nos textos elaborados pelos alunos. Ou seja, esta atividade, que é amplamente marcada pela oralidade, pode ser depois visualizada nos textos produzidos pelas crianças, como podemos observar em anexo. Por mais que os textos possuam diversos erros ortográficos, predomina a unidade textual, predomina o jogo discursivo.

Outro ponto a ser ressaltado refere-se à atitude da professora como modelo de leitora: sempre estava com um livro na mão, comentava sobre suas leituras extra-classe. Além disso, ela lia uma história todos os dias para a classe e também organizava a rotina de modo que tão logo as crianças terminassem as atividades de classe eram orientadas e estimuladas a escolherem um livro da biblioteca de classe<sup>3</sup> para ler.

Estas situações eram muito bem recebidas pelas crianças, pois tão logo elas acabavam suas atividades, corriam para escolher um livro.

A leitura compartilhada de determinado texto se constitui a partir do momento em que seus interlocutores dialogam com o mesmo, interpretando-o de acordo com o que este lhe desperta. Para que isto aconteça, cada indivíduo utiliza

---

<sup>2</sup> Roda de Leitura : todos os dias ao chegarem as crianças formam uma roda no chão, na qual elas contam sobre o dia anterior, algum fato relevante e também levam algum texto sobre a lição de casa e o lê durante a roda, e depois a professora conta uma história. Isto será mais detalhado no capítulo sobre a Metodologia.

as ferramentas culturais e intelectuais que possui e a partir daí vai tecendo suas apropriações e interpretações e então um novo texto é criado.

Para CHARTIER (1996) :

*"...cada leitor, a partir de suas referências individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos que se apropria. Reencontrar esse fora-do-texto não é tarefa fácil, pois são raras as confidências dos leitores comuns sobre suas leituras..."(p20)*

O incentivo efetivo à leitura na escola, como também o exemplo da professora enquanto leitora sugerem o quanto esta prática é importante na formação e informação dos futuros leitores que freqüentam o espaço formal da escola.

A leitura é uma forma de se conhecer o mundo, nos levando a uma melhor compreensão da realidade externa em que vivemos e também, a um melhor conhecimento interior de nós mesmos

Segundo GOULEMOT(1996):

*"... Louis Marin escreveu que a narração é uma armadilha, acrescentarei que ela é um mecanismo apto a produzir efeitos e que a leitura é, no fim das contas, a oscilação dessa máquina em um confronto com o corpo, com o tempo e com a cultura adquirida. A leitura é, portanto, uma estratégia do afrontamento e da manipulação. ( p.115).*

---

<sup>3</sup> A Biblioteca de Classe é constituída por uma estante com três prateleiras com altura adequada à idade das crianças onde há vários exemplares de livros que elas trouxeram no começo do ano letivo. Também será retomado na Metodologia.

Pude observar neste período de idas a campo que a prática sistemática das leituras na roda, na classe e na biblioteca possibilitou um notório crescimento do interesse das crianças pelos livros que pôde ser comprovado, por exemplo, pelas frequentes retiradas de livros da biblioteca escolar.

## METODOLOGIA

Este estudo baseia-se na linha qualitativa de pesquisa, tomando como referência a etnografia, pois conforme LUDKE e ANDRÉ (1986) indicam, *"a etnografia tem um sentido próprio: é a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo"*(p13-14).

Outro ponto importante em relação à metodologia, refere-se ao estudo do cotidiano. As atividades cotidianas vividas na escola tiveram um papel central para a compreensão do tema investigado. ESPELETA e ROCKWELL(1989) explicam melhor:

*"Somente no âmbito da vida cotidiana os homens se apropriam de usos, práticas e concepções, cada uma das quais é síntese de relações sociais construídas no passado."*(p.59)

Conforme já mencionado, procurei verificar como as práticas de leitura em sala de aula e na biblioteca escolar propiciam aos alunos um impacto em seus trabalhos escritos.

Para tanto escolhi uma primeira série do Ensino Fundamental de uma escola particular de Campinas. A turma tem 20 crianças com idade variando entre seis anos e meio e sete anos. Acompanhei durante o ano de 2001 as atividades dessa classe, freqüentando-a uma vez por semana. É importante relatar que inicialmente pedi autorização tanto à coordenação da escola quanto à professora da sala para desenvolver este trabalho com os alunos. Desse modo, eles estavam informados que eu estudava a prática da leitura.

Nestas idas à escola procurei anotar "tudo "em um Diário de Campo, tão logo as situações aconteciam. Porém, muitas vezes isto não foi possível, principalmente no começo, pois as minhas anotações na presença das crianças chamavam a atenção delas, fazendo com que ficassem olhando em mim. Depois de algum tempo, minha presença passou a fazer parte da rotina da classe e as crianças não mais me viam com alguém estranho ao ambiente, fazendo, inclusive, com que me questionassem quando faltava:

- *Tia Silvia, porquê você não veio Quarta-feira? (C1)*<sup>4</sup>
  
- *Ah! A semana passada você faltou, né? (C2)*
  
- *Por quê você não vem todos os dias? (C3)*

Esta pesquisa foi planejada para que acontecesse no ambiente natural, ou seja, no espaço escolar em que as crianças praticam os diversos momentos de leitura, tal como os princípios da etnografia.

---

<sup>4</sup> Sempre que me referir às crianças usarei C1, C2, C3 e assim sucessivamente.

Procurei, principalmente observar e participar das atividades que as crianças e a professora desenvolviam relacionadas com a leitura e para tanto participei das atividades na biblioteca, lendo com as crianças ou mesmo ouvindo suas histórias. Na sala de aula eu fazia parte da roda de leitura, durante a qual as crianças relatavam suas atividades do final de semana como também liam o que traziam sobre o tema da lição de casa. Em seguida, ouvíamos uma história contada pela professora e depois fazíamos comentários.

A roda da leitura acontecia todos os dias da semana, na entrada do período. O objetivo desta atividade era a leitura de uma história de um livro feita pela professora e também era o momento de se conversar sobre a lição de casa, podendo acontecer de alguma criança ler também.

Na primeira fase deste trabalho procurei definir qual seria exatamente o meu "objeto" de estudo. Depois desta delimitação procurei o local onde efetuaría tal pesquisa e acabei escolhendo a escola na qual meus filhos estudam. No começo deste acompanhamento das crianças em sala, muitas questões surgiam sobre o que eu gostaria de tratar neste trabalho. Isto porque, depois que comecei a pesquisa de campo, foi que percebi que novos caminhos e novas questões despontavam. *Será que estou no caminho certo ? Estou conseguindo separar o que vejo de minhas idéias pré-concebidas ? Será que é mesmo tão importante anotar tudo ou mesmo logo em seguida ? O que é relevante ou não para o trabalho ? O que estas práticas de leitura propiciam ?* Quando comecei a escrever e elaborar a estrutura do trabalho tive a minha primeira resposta sobre o quanto foi importante as anotações no Diário de Campo, pois, por mais que eu confiasse em minha memória, percebi que poderia ter cometido enganos e que foi fundamental poder utilizar as anotações.

É importante ressaltar que, à medida que o tempo passava e que minhas anotações foram se sistematizando, o trabalho de pesquisa passou a ficar mais claro para mim.

Segundo LUDKE e ANDRÉ, (1986), a respeito da importância e do uso do Diário de Campo na pesquisa:

*"...é particularmente útil que ele oriente sua pesquisa em torno de alguns aspectos, de modo que ele nem termine com um amontoado de informações irrelevantes nem deixe de obter certos dados que vão possibilitar uma análise mais completa do problema".*

Ao longo destas observações procurei registrar não apenas as falas das crianças durante suas leituras, mas também, seus gestos, suas posturas, expressões e movimentos.

Enfim, os objetivos desse trabalho de final de curso são os seguintes:

- acompanhar o processo de apropriação da prática da leitura dos alunos de uma primeira série do Ensino Fundamental,
- observar como os gestos e comportamentos do leitor são constitutivos desta prática.

## ANÁLISE

Minha vivência durante o período de um ano acompanhando uma primeira série do ensino fundamental, fez com que eu entrasse em contato com o funcionamento cotidiano de uma biblioteca escolar junto aos alunos e professores. Conforme já mencionado, concomitantemente a este trabalho na biblioteca, acompanhei o dia-a-dia desta classe de primeira série, e por essa razão também pude vivenciar, os diversos momentos de leitura em classe.

Essas visitas à biblioteca aconteciam uma vez por semana e a turma de alunos permanecia neste espaço por mais ou menos cinquenta minutos durante os quais as crianças podiam escolher um livro para levar para casa ( dentre os mais de 13.500 títulos disponíveis na biblioteca). Tinham que devolver o que foi levado na semana anterior, lendo um outro livro na biblioteca, diferente do que levaria para casa. Ou então, ouvindo histórias que um amigo contava oralmente ou mesmo

esperando o tempo de biblioteca passar, deitados nos almofadões do recinto observando os colegas.

Normalmente, depois que todas as crianças escolhiam seu livro, elas se dirigiam para o tapete e aos almofadões para ouvirem uma história contada pela bibliotecária.

Nesta prática de leitura compartilhada percebi que as crianças traziam, a partir de suas próprias referências/experiências para o grupo, um sentido particular, especial de suas interpretações da história contada. Muitos não conseguiam esperar o final da história para fazer perguntas.

Questionavam as ações dos personagens, o que acabava por trazer para o grupo um sentido próprio de suas interpretações sobre a história contada. Este comportamento era sempre estimulado pela bibliotecária, levando-os a discutir e conversar sobre o mesmo para saber o que a classe achava. Pude perceber que este era um momento muito apreciado pelas crianças através de suas falas:

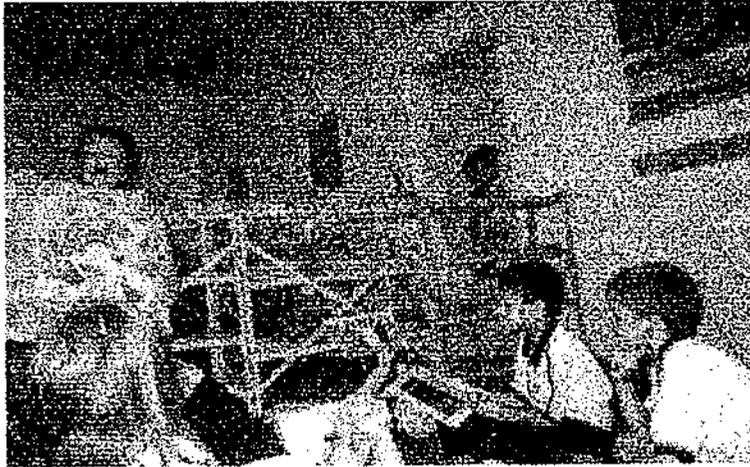
- *Você vai contar história hoje, Cidinha?* <sup>5</sup>
- *Qual livro você escolheu ? (C2)*
- *AH! Você vai contar uma de bichos ? (C3)*
- *Conta aquela do livro grande de fadas! (C4)*

Outro indício que as crianças davam sobre seu envolvimento com esta atividade podia ser observado também através de suas posturas em relação à proposta do trabalho. Tão logo a bibliotecária se encaminhava para o chão, as

---

<sup>5</sup> Este é o nome verdadeiro da bibliotecária do colégio em que realizei a pesquisa, que me deu permissão para citá-lo.

crianças se posicionavam sentadas no tapete, formando um semicírculo perto da bibliotecária ou mesmo deitadas nos almofadões.



Leitura feita pela bibliotecária para as crianças.



Momento de leitura.

Este momento de leitura é preparado com antecedência pela bibliotecária, que me disse procurar sempre escolher um livro parecido com o perfil da classe, com o que se passa no momento (idade, projeto em questão, acontecimentos extracurriculares como por exemplo o sarau litero – musical ou as olimpíadas escolares e a leitura do livro *Saber Perder* ).

Neste sentido, torna-se importante pensar no vínculo que se constrói entre a criança, o professor e a leitura, visto que a criança aborda o mundo na tentativa de compreendê-lo, de forma curiosa e ativa, acionando esquemas de ação e elaborando hipóteses e teorias originais que busquem responder às suas indagações. É que os objetos que a criança tenta se apoderar estão histórica e culturalmente construídos e, que, portanto as condições sócio-históricas e a leitura especificamente, funcionam como elementos mediadores na relação criança/objeto de conhecimento .

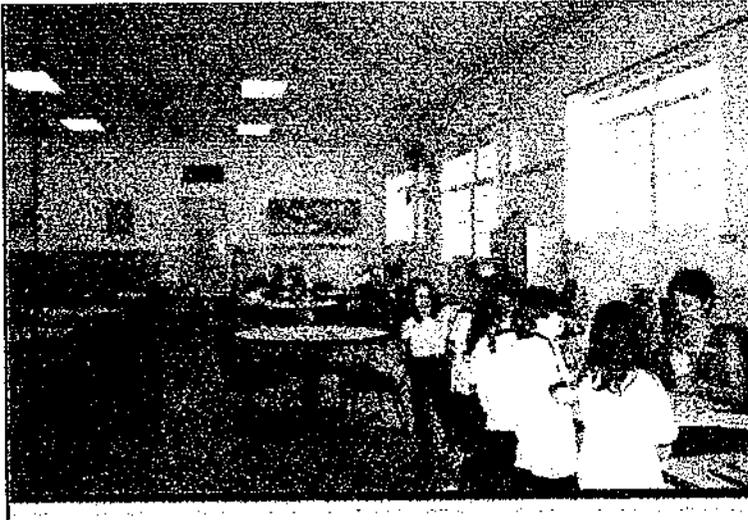
Durante minhas idas à biblioteca pude presenciar a seguinte situação: Três meninas escolheram o mesmo livro (*Uma Professora Maluquinha do escritor Ziraldo*) para levar para casa pela segunda vez ,e outra criança as questionou :

- *Vocês não tiveram tempo de ler inteiro ? ( C1)<sup>6</sup>*
- *Ele é muito divertido ! (C2)*
- *A gente está lendo junto. (C3)*
- *Como assim lendo junto? Uma vai na casa da outra?(C1)*
- *Naaaão ! A gente lê junto aqui na biblioteca e um pouco em casa ! (C2)*
- *Tem partes que nós quase sabemos de cor! (C3)*
- *É mesmo, eu adoro este livro! (C4)*

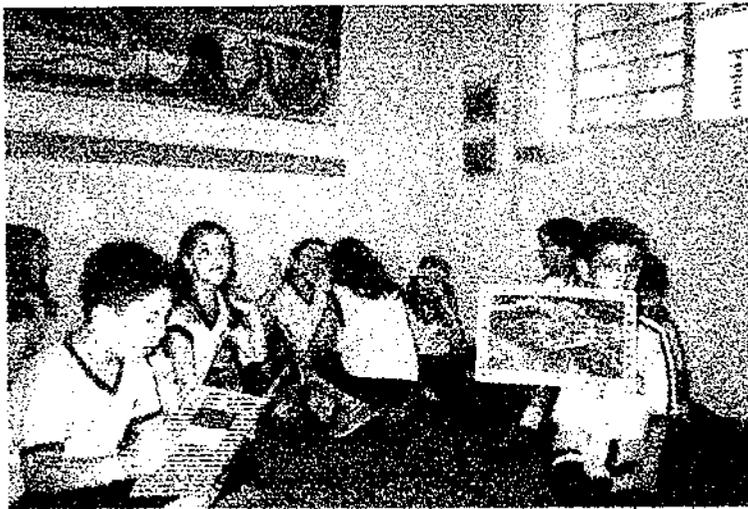
---

<sup>6</sup> Estas falas foram retiradas do meu Diário de Campo do mês maio de 2001.

Muitas conversas sobre os livros se davam no momento de retirada com a bibliotecária.



O que pude perceber neste pequeno episódio foi que não só a história e o texto são importantes, mas, também o fato de compartilharem a leitura do mesmo livro ao mesmo tempo, conforme *CHARTIER (1996)* comenta sobre como a leitura compartilhada pode ser uma forma de apropriação desta prática. Nesta primeira série a leitura em grupo possibilitou uma troca de idéias e impressões sobre o mesmo o que provavelmente possibilitou uma melhor aprendizagem da leitura e da escrita.



A identificação dos leitores com o texto torna-se fator relevante desta prática de leitura compartilhada no qual a experiência de ler é um ato social realizado coletivamente.

Para VYGOTSKY (1984), é na interação com o outro que ocorre a apropriação dos instrumentos e signos pelo indivíduo. Sabemos que a criança tem uma relação com o mundo mediada pela linguagem e pelo outro possibilitando formas culturais de entender e estruturar a realidade, o que por sua vez permite a estruturação do pensamento. Dessa forma, a leitura na biblioteca, mediada tanto pela bibliotecária quanto pelos próprios colegas (na leitura partilhada), possibilita ampliar os momentos de aprendizagem desta prática cultural. Principalmente no caso destes alunos que estavam cursando a primeira série.

Segundo FONTANA (1997), *“as relações de conhecimento travadas na escola têm uma natureza distinta das relações de conhecimento cotidianas”*, pois ao fornecer um contato sistemático intencional e planejado de práticas de leitura, esta mediatiza e intensifica o processo de desenvolvimento do conhecimento infantil. Nas interações com seus pares, com a professora e com a bibliotecária a criança tem a oportunidade de adquirir novos conhecimentos. Entendendo o conhecimento como um processo dinâmico e criativo, estas práticas permitem a elaboração e a construção de diversos significados.

Ainda sobre o episódio anterior, quando C1 diz: - *Vocês não tiveram tempo de ler inteiro?* para seus outros colegas, vemos seu estranhamento diante da atitude das meninas em repetirem a mesma leitura várias vezes.

CHARTIER (1996) comenta que as apropriações do texto pelo leitor muitas vezes nos escapam pois este, por sua vez, possui seus próprios modos de ler e sentir o que apreendeu no texto.

O sentido atribuído pelas crianças neste episódio de leitura tornou-se para mim uma nova maneira de enxergar e de me questionar sobre minhas práticas de leitura.

Houve outros momentos durante os quais as crianças pediram para que a bibliotecária contasse a história de um determinado livro grande e de capa dura ( é um livro de mais ou menos 90 cm com contos de fadas ). Este livro possui muitos detalhes em suas ilustrações, sendo atrativas visualmente.

Baseando-me em *FRAISSE (1997)*, compreendi então como a forma do livro, as páginas e seus caracteres são importantes para a percepção do seu sentido, o qual por sua vez convida o leitor a interagir com as intenções do autor.

Depois que a bibliotecária contou a história para as crianças, ela conversou sobre as origens dos contos de fadas dizendo-lhes que os autores como os irmãos *Grimm*, *Perrault* não foram os verdadeiros autores destas histórias, mas sim, aqueles que as escreveram no papel, o que possibilitou serem conhecidas e contadas até hoje. Citou também exemplos de histórias como a da *Cinderela* comparando-a com uma outra história.

Em seguida, a bibliotecária comentou que muitas vezes ouvimos uma história e quando vamos contá-la para alguém podemos esquecer de alguma parte ou mesmo detalhar melhor um episódio que nos agradou, levando-nos a modificar a história original. Muitas crianças concordaram e algumas disseram :

- *É mesmo Cidinha, eu às vezes faço isso!(C1)*<sup>7</sup>
- *Às vezes a gente até inventa uma parte, né?(C2)*
- *Eu, quando esqueço uma parte, eu pulo. (C3)*
- *Ah, eu procuro contar quase igual . (C4)*

Observei também momentos durante os quais as diferentes apropriações da leitura acontecem de maneiras singulares pelas crianças evidenciadas pelo modo

como se relacionavam com o livro, ora lendo em voz alta para si mesmo, ora lendo para os colegas, ora preferindo isolar-se para ler em silêncio fugindo do burburinho dos amigos.

Durante uma das idas da classe à biblioteca uma das crianças escolheu um livro sobre animais em extinção e se afastou para ler longe dos amigos, pois queria imitar os rugidos dos animais que estava observando. Logo alguns amigos passaram a observá-lo e se aproximaram pedindo para que ele lesse para eles também. Algumas falas que se seguiram neste episódio:

- *Que bicho é este? (C1 para a C2 que estava com o livro )*
- *Um animal pré-histórico que vivia antigamente. (C2 para C1)*
- *Mas, onde que ele está? (C3 pedindo para ver a figura do animal)*
- *Está aqui, olha como ele era grande. Por isso, que ele faz este barulhão...hhh.eiroyhjeu..... ( C2 tentando imitar o som do animal)*

Nestes momentos, também observei suas posturas dentro do espaço da biblioteca. Algumas crianças lêem sentadas no tapete, outras preferem se sentar nas almofadas, sendo que muito poucas procuram as mesas e cadeiras. Elas tentam se aconchegar e ficar em uma posição confortável para ler. Apenas quando elas não conseguiam um lugar confortável nos almofadões ou quando queriam ler separadamente com um pouco mais de silêncio é que procuraram se acomodar nas cadeiras e mesas.

Assim, podemos observar que os gestos, as posturas procuram se adequar ao modo mais prazeroso e confortável para cada leitor dentro das condições oferecidas pelo espaço da biblioteca.

Através da história das práticas de leitura narradas/interpretadas por *CHARTIER*, percebemos que não existe apenas um único tipo de leitor ou mesmo

---

<sup>7</sup> Diário de Campo, agosto de 2001.

um momento único de leitura. Os sentidos da leitura são diversos e variam de acordo com a época em que se desenvolveram e até mesmo deixando de existir com o passar do tempo. Conforme o autor, houve momentos durante os quais a leitura silenciosa, solitária era considerada a leitura do saber, enquanto que em outras épocas a leitura oral se fazia presente e necessária.

É importante aqui relatar que nos momentos na biblioteca a professora foi poucas vezes solicitada, ficando esta posição preferencialmente para a bibliotecária.

Durante uma de minhas idas à biblioteca<sup>8</sup> uma criança escolheu um livro grande com belas ilustrações sobre o Egito. Ele se deitou e começou a ler em voz alta. Logo outras crianças se aproximaram para ouvi-lo e também olharem as ilustrações das pirâmides, as construções, as estátuas e os vários objetos de arte ali representados. Sobre isso, FRAISSE (1997), nos relata:

*“Um livro é materialmente perfeito quando é agradável de ler, delicioso de considerar; quando enfim, a passagem da leitura à contemplação e a passagem recíproca da contemplação à leitura, são fáceis e correspondem às alterações insensíveis da acomodação visual. (p. 139)*

Também observei em outras ocasiões que, apesar de o espaço ser compartilhado pela classe toda, algumas crianças procuravam se afastar para fazerem uma leitura mais solitária e silenciosa, distanciando-se do grupo maior.

Houve também situações em que tanto a professora quanto a bibliotecária ocuparam o papel de “críticas literárias” quando recomendavam ou

---

<sup>8</sup> Diário de Campo, setembro de 2001.

então desaconselhavam a leitura de determinados livros, como por exemplo na seguinte situação:

- *Este livro é muito grosso e com poucas figuras. Volta lá e escolhe outro!(BIBL)*<sup>9</sup>
- *Eu quero esse! (C1)*
- *Eu sei que é grande mas eu quero levar! Não dá pra eu ler ele inteiro mas depois eu pego ele de novo. (C1 falando para C2)*
- *Então, pode levar. (BIBL)*

Mesmo achando que o livro não era adequado para a criança, a bibliotecária soube respeitar a sua escolha. Pude depois presenciar quando a criança devolveu o livro dizendo que ele era legal, mas, muito grande; no que a bibliotecária concordou sorrindo para a criança.

Uma criança escolheu um livro sobre sexualidade no qual aparecia o pênis e todo o aparelho reprodutor masculino. Foi muito interessante notar que ele não folheou o mesmo durante o horário de biblioteca mantendo-o abraçado junto a seu corpo. Como eu estava perto dele, ele me contou que seu irmão mais velho havia levado o mesmo livro para casa, mas não dera tempo dele ler. Então segundo suas próprias palavras :"- *Este livro tem um monte de coisas interessantes pra meninos, tia Silvia.. Por isso que eu quero ler!*"

*FRAISSE (1997) comenta sobre o poder em si que o objeto livro pode ter : " O livro fechado é o poder do pensamento ou da idéia, é o livro lido e meditado, que habita o personagem e que está na origem de sua relação com o mundo. " (p.63)*

---

<sup>9</sup> Diário de Campo, outubro de 2001.

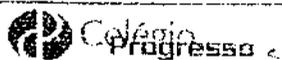
## PALAVRAS FINAIS

Com relação à história das práticas de leitura, encontramos diversos comportamentos relacionados com as leituras no espaço da biblioteca, na qual muitas vezes a leitura silenciosa fazia-se obrigatória. No passar dos tempos tal prática não se encontra mais obrigatória. Porém, ainda hoje muitas vezes, acabamos por relacionar biblioteca com silêncio absoluto. Na biblioteca onde fiz minha pesquisa esta prática de silêncio obrigatório não era aplicada, fazendo com que este espaço pudesse, além de proporcionar a leitura, deixar surgirem discussões sobre os livros lidos que causavam uma grande oportunidade de trocas sobre os variados temas e futuras aprendizagem.

O leitor e suas leituras constituem uma prática social que envolve um constante movimento marcado pelas suas definições de público, interlocutor do texto, leitor ou protagonistas de cada história.

Pude verificar como o processo de apropriação da prática da leitura é ao mesmo tempo individual e coletivo. Junto a tal processo, também as figuras da professora e da bibliotecária ocupam um importante papel: constituem-se como interlocutores privilegiados. Propiciaram uma ampliação do repertório de texto dos alunos e também uma experiência bastante concreta e diversificada com o objeto-texto.



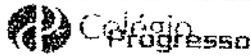


Colégio Progresso

PARA MINHA CAJA E PORELA NO MEU  
 ARMAZEM NO DIA SEGUINTE EU LEVANTEI DA  
 SAA TÃO cedo que eu não sabia o que estava  
 fazendo. Então o GEMO CALOU DE EU  
 MEU POCO ESCOVAR ME, DE DE EM 19  
 DAI EU FALEI DE FURIA PARA EU FALEI  
 PARA O GEMO EU VOU DAR A MEU SACO DE  
 O GEMO CALOU TÃO UM BURRÃO PARA  
 TAMBÉM. EU FALEI TAMBÉM QUANDO EU  
 TER NAVEI DE TOMAR O SACO DO GEMO  
 TAMBÉM EU PEDI A LAMPADA E SAÍ  
 DE CAJA QUANDO UM CARA VEIO PARA SAA DE  
 MIM. DAI EU VI QUE EU ESTAVA COM A  
 MINHA ESPADA DAI QUE EU LEMBEI QUE  
 EU TINHA ESQUECIDO A MINHA ESPADA  
 NA MINHA CAJA DAI QUE EU LEMBEI QUE  
 EU ESTAVA COM A LAMPADA. EU ENTREGUEI  
 A LAMPADA E PEDI AO GEMO OUTRA  
 ESPADA. QUANDO O GEMO REALIZOU MEU  
 DE REJO EU COMEÇEI A LUTAR COM ELE  
 EU APPROVEITEI QUE ELE ESTAVA DISTRAÍDO  
 E MATEI ELE E FUI PARA MINHA CAJA

Iny





UNIVERSIDADE

DATA: 20/05/21

TITULO: TIA NA TACIA E A SARDINHA  
 TIA NA TACIA PEGOU O NED DO QUIL  
 E VIU QUE SE TRATAVA NA MORDE E  
 FICOU ANCI DE UMA SARDINHA DO MELHOR MISTO  
 SARDINE MISTO SARDINE PRA QUANTO QUE É  
 AQUILO A É O PESSOAL CALDO TIANASTACIA  
 MISTO SARDINE ESCRETO E CAL EM UM  
 MISTO PIMENTA ELA ISRITU ESTORRA QUANTO  
 A MISTO SARDINE CALOU EM MISTO SARDINE  
 ENXERÇÃO E IGNE TOU A CALDO POCO POCO QUANTO  
 CA MISTO SARDINE TIA NA TACIA EM PEGAR  
 AGUA PARA A MISTO SARDINE TIA NA TACIA  
 UNO ELA DO MISTO E LANÇOU DO QUIL DA MISTO  
 SARDINE TIA NA TACIA QUANTO UM PESSOAL VILHO  
 DE FORA O PESSOAL PEGOU TIA NA TACIA ELA FOI  
 PARA O GALINHEIRO DONA BEVIA CALDO TIA NA  
 TACIA VA PEGAR O MISTO SARDINE POR QUE O MISTO  
 SARDINE QUANTO EM UMA MISTO NO PINTO SARDINE  
 TIA NA TACIA PEGOU O MISTO SARDINE O MISTO SARDINE  
 MISTO PEGOU UM MISTO PARA FOR UMA MISTO  
 NO MISTO SARDINE MISTO SARDINE PEGOU QUE TIA NA  
 TACIA APÓS MISTO O MISTO PARA O MISTO  
 SARDINE MAS TIA NA TACIA QUANTO A MISTO  
 E SINTIO UM MISTO SARDINE NA BOLA

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BARTHES, Roland.(2002). *O Prazer do Texto*. São Paulo. Editora Perspectiva.

CERTEAU, Michel.(1994). *A Invenção do Cotidiano 1: Artes de Fazer*. Petrópolis RJ: Vozes.

CHARTIER, Roger ( Org. )(1996). *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade.

\_\_\_\_\_.(1999). *A Aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: UNESP,

\_\_\_\_\_.(1999). *A Ordem dos Livros*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

ESPELETA, Justa e ROCKWELL, Elsie. (1989). *Pesquisa participante*. São Paulo: Cortez, Campinas: Autores Associados.

FONTANA, Roseli Ap. Cação.(1996). *Mediação pedagógica na sala de aula*. Campinas, SP: Autores Associados.

\_\_\_\_\_.Roseli Ap. (1997). *Psicologia e Trabalho Pedagógico*. São Paulo: Atual.

FRAISSE, Emmanuel. (1997) *Representações e Imagens da Leitura*. São Paulo: Ática.

GOULEMOT, Jean Marie.(1996) *Da Leitura como produção de sentidos*. In: CHARTIER, Roger(Org.).*Práticas de Leitura*. São Paulo, Estação Liberdade.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. (1986) *Pesquisa em educação : abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.

PARK, Margareth B. (1999). *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. Campinas : Mercado de Letras : Associação de Leitura do Brasil, São Paulo: Fapesp.